

La Comédiathèque

Um esqueleto no armário

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediathèque.net>**

Um esqueleto no armário

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Alberto e Vitória estão prestes a vender a sua casa a uns amigos, antes de partirem para o estrangeiro para começar uma nova vida. Mas, logo após assinarem a promessa, os futuros proprietários descobrem que há... um esqueleto no armário.

Personagens:

Alberto

Vitória

João

Cristina

A sala de um chalé, apenas mobilada com algumas caixas de mudança. A sala dá para um jardim (lado da sala). Vitória chega com uma caixa de tamanho médio, sob cujo peso parece desabar. Coloca-a no chão com dificuldade e solta um suspiro de alívio.

Vitória – É simpático da tua parte deixar-me a caixinha, mas o que é que está aqui dentro? Pesa uma tonelada...

Alberto chega com uma caixa enorme que parece muito leve e carrega-a sem esforço.

Alberto – Não sei... Deve estar marcado na caixa... Anotei tudo para podermos encontrar as nossas coisas quando tivermos de desempacotar...

Vitória olha para a caixa.

Vitória (*lendo*) – Pratos... Ah, claro... É o serviço de louça que a tua mãe nos deu quando casámos. Nunca o usámos, por sinal...

Alberto – Um serviço de 24 peças de louça... É preciso ter uma família numerosa...

Vitória – Estou zangada com a minha... e do teu lado, estão todos mortos ou desaparecidos.

Alberto – Mmm...

Vitória – A tua mãe devia imaginar-nos com muitos filhos...

Alberto – Para nós dois, é um bocado sobredimensionado, com certeza... Ou é preciso ter muitos amigos...

Alberto coloca sem esforço a sua caixa grande ao lado da pequena.

Vitória – Talvez tenhamos mais oportunidades de usá-lo lá... E na tua, o que é que tens?

Alberto finge descobrir o que está escrito na sua caixa.

Alberto – Capas de edredão.

Vitória – Ah, sim... Ocupa mais espaço, mas é muito menos pesado...

Alberto – Eram as duas últimas caixas.

Vitória – Vamos deixar algumas aqui para nos podermos sentar e tomar o aperitivo.

Alberto – E sobretudo para assinar a promessa de compra e venda... A que horas é que eles vêm?

Vitória – Já deviam estar aqui... Não devem demorar.

Alberto – Espero que não tenham mudado de ideias...

Alberto deixa-se cair numa caixa, com ar exausto.

Alberto – Estou esgotado.

Vitória – Não tanto como eu...

Vitória prepara-se para se sentar noutra caixa.

Alberto – Espera... (*Olha para a caixa.*) Não nessa, é a televisão...

Vitória para.

Vitória – E achas que uma televisão não aguentava o meu peso?

Alberto – É um ecrã plano...

Vitória coloca uma mão na barriga, um pouco preocupada.

Vitória – A minha barriga também é plana... Por enquanto...

Alberto – É melhor sentares-te aqui, são os meus livros. Não há problema.

Vitória (*irónica*) – Obrigada... (*Senta-se.*) É estranho estar aqui no meio de todas estas caixas... Saber que nunca mais vamos dormir nesta casa...

Alberto – Mmm...

Vitória olha para o jardim.

Vitória – Já viste? As dalias estão a florescer.

Alberto – Mmm...

Vitória – Nem sabia que havia dalias no jardim.

Alberto – Havia antes. Pensei que todas tivessem morrido...

Vitória – Não te faz sentir nada?

Alberto – O quê? Que as dalias estão a renascer?

Vitória – Deixar esta casa! Esta vida...

Alberto – Estás arrependida?

Vitória – Não, de maneira nenhuma! Mas passámos bons momentos aqui, não foi?

Alberto – Sim...

Vitória – Disfarça a tua alegria...

Alberto senta-se na mesma caixa que ela e coloca a mão no ombro dela.

Alberto – Claro que sim... Não me arrependo nem um segundo dos anos que passámos juntos nesta casa. Mas pronto, acho que estava na hora de mudar...

Vitória – Eu sei...

Alberto – Não temos filhos, nem cão, nem sequer um peixinho dourado... Não há nada que nos prenda aqui.

Vitória – Eu também estou muito feliz por começar uma nova vida... Contigo...

Alberto – É um pouco como saltar no vazio, mas pronto. Com uma corda elástica, pelo menos...

Vitória – Uma corda elástica? Achas?

Alberto – O que é que arriscamos? Se realmente não gostarmos de lá, podemos sempre voltar.

Vitória – Não teremos mais casa...

Alberto – Compramos outra! Ou um apartamento. De qualquer forma, esta casa era demasiado grande para os dois.

Vitória – Tínhamos um jardim... Tão perto da capital, é raro...

Alberto – Nunca pusemos um pé no jardim! Uma varanda seria suficiente para nós.

Vitória – É verdade que não temos jeito para plantas...

Alberto – Sempre que tentámos plantar algo nesse jardim, morria...

Vitória – Mas as dalias ressuscitaram de repente...

Alberto – Ah não! Não me digas que é um milagre. O sinal que Deus nos envia para nos dizer que preferia que ficássemos aqui?

Vitória – Tens razão, se não nos mudarmos agora, nunca o faremos.

Alberto – E já não suportava esta casa... Está demasiado carregada de recordações.

Vitória – Recordações?

Alberto – Falo da minha família... E não são todas boas recordações, acredita...

Vitória – Compreendo...

Alberto – E ainda assim... Boas ou más, não se pode viver permanentemente com recordações... É mortal. Os meus avós já viviam aqui. Passei toda a minha infância nesta casa antes de a herdar. Praticamente nasci nesta casa. Preferia não morrer aqui, percebes?

Vitória – Esta mudança vai dar-nos um novo impulso... Aos dois.

O telemóvel de Vitória toca. Ela olha para o ecrã, mas não atende.

Alberto – Não atendes? Podiam ser eles...

Vitória – É um número oculto, deve ser publicidade. Desde que cancelámos a nossa subscrição da Netflix, não param de me chatear... E a ti, não?

Alberto – Não.

Parecendo um pouco incomodada, Vitória levanta-se.

Vitória – Bem, temos que preparar um pouco deste aperitivo... Vou ver o que há na cozinha...

Alberto – Precisas de ajuda?

Vitória – Não, não, não é preciso. Coloquei uma garrafa de vinho branco no frigorífico e ainda temos um pouco de licor de groselha preta...

Ela sai.

Alberto – OK.

Alberto tira o telemóvel para ver as mensagens.

Vitória (*fora de cena*) – Contudo, não pensei em deixar um saca-rolhas para abrir a garrafa de vinho branco...

Alberto (*sem tirar os olhos do ecrã*) – Não faz mal, podemos sempre beber o licor...

Vitória (*fora de cena*) – Não, a sério... Procura um pouco! Convidei-os para o aperitivo, não para o digestivo...

Alberto – Não sei onde está esse saca-rolhas!

Vitória (*fora de cena*) – Queres que assinem esta promessa de compra e venda, sim ou não?

Alberto abandona o telemóvel a contragosto.

Alberto – Está bem, vou procurar...

Dirige-se diretamente para a caixa certa. Abre-a e tira um saca-rolhas que mostra a Vitória, que regressa da cozinha com uma bandeja com tudo o que é necessário para o aperitivo.

Vitória – Bravo! Podes abrir a garrafa de vinho branco...

Alberto – Não esperamos que eles cheguem?

Vitória – Despeja a garrafa, digo-te, isso vai fazê-los aparecer.

Alberto abre a garrafa.

Alberto – Não tinham dito que viriam um pouco mais cedo para nos ajudar com a mudança?

Vitória – Devem ter tido um contratempo...

Alberto – Não fizeram nada, mas ainda assim temos que lhes oferecer o aperitivo...

Vitória – Estão a comprar-nos a casa... Temos que fazer as coisas bem...

Alberto – Ela é professora de quê, mesmo?

Vitória – Cristina? Professora de ginástica.

Alberto – Ah, sim, imaginava...

Vitória – O quê?

Alberto – Não, não, eu... Eu perguntava-me o que poderia ensinar... (*Vitória prefere não responder.*) E o João? Sei que é comercial, mas não me lembro do que vende.

Vitória – Trabalha na Gillette, acho... Vende máquinas de barbear.

Alberto – Ah... Percebo...

Vitória – Percebes o quê?

Alberto – Porque é tão aborrecido!

Vitória – Se ao menos pudesses ser um pouco mais simpático... Tenho a impressão de que inconscientemente não queres vender esta casa de família...

Alberto – Vou fazer um esforço, prometo...

Vitória – Temo o pior...

Alberto – Ao mesmo tempo, se nos compram esta casa, não é só para nos fazer um favor...

Vitória – É verdade que nos dá muito jeito.

Alberto – Ainda assim... Não estão a fazer um mau negócio.

Vitória – Achas que não estamos a vender a casa por um preço suficientemente alto?

Alberto – Acho que podíamos ter conseguido um pouco mais, sim.

Vitória – Tínhamos pressa... E além disso, são amigos...

Alberto – Bem, amigos... A Cristina é só uma colega de trabalho, não?

Vitória – Mesmo a este preço, não houve muitos compradores interessados.

Alberto – Sim... É verdade que assim é mais simples...

Vitória – É só um aperitivo... O tempo de assinar a promessa... Depois vamos embora... De qualquer forma, não os voltamos a ver...

Alberto – OK. Mas realmente pergunto-me sobre o que poderei falar com ele... Não sobre literatura, de certeza. E como me interessa muito pouco o futebol, os cães e os carros...

Vitória – Basta falares de política. Curiosamente, agora é um tema muito consensual: toda a gente está contra a política do governo, mesmo que seja por razões totalmente opostas.

Alberto – Finalmente, o nosso presidente conseguiu a união nacional... contra ele.

Ouve-se a campainha.

Vitória – Ah, aí estão eles!

Alberto – Já era tempo...

Vitória sai para abrir a porta.

Vitória (*fora de cena*) – Olá, olá...

Ouve-se um cão a ladrar.

Alberto – Olha, ainda por cima trouxeram o cão...

João (*fora de cena*) – Milú, cala-te!

Cristina (*fora de cena*) – Eu disse-te para o deixares no carro...

Vitória (*fora de cena*) – Coitado... Deixa-o correr no jardim, vai estar melhor.

João – Vá lá, Milú.

Vitória regressa com João, de blazer e gravata, com um sorriso de comercial, acompanhado de Cristina, dinâmica e atraente.

Cristina – Tens a certeza de que não vos incomoda?

Vitória – De maneira nenhuma. Além disso, esta casa já é quase vossa...

João (*a brincar*) – Ah, ainda não assinámos a promessa de compra e venda...

Alberto – Olá, Cristina, olá, João...

Cristina – Olá, olá...

João – Olá, Alberto. Deixei o Milú no jardim, não há problema?

Alberto – Ele também tem que visitar a casa.

Cristina – É um luxo ter um jardim tão perto da capital.

João – Com certeza, o Milú vai preferir.

Alberto – Que raça é?

João – Um fox terrier de pêlo rijo.

Alberto – Ah, claro... Milú!

João – Olha, Alberto, a falar de pêlo rijo... Podias fazer a barba quando tens convidados!

Alberto – Ah, sim, eu... Com a mudança, nem tive tempo de...

João – Estou a brincar... (*João mostra um pacote e estende-o a Alberto.*) Toma, um presente! Caso não encontres lâminas de barbear no país dos selvagens para onde te vais mudar...

Cristina – Alguns trazem flores, ele traz lâminas de barbear...

Alberto – Bem, obrigado, João.

Vitória – Espero que não te tenha conquistado oferecendo-te uma máquina de barbear...

Cristina (*sem parecer entender*) – Ah, sim...

Vitória – Pode ser ofensivo oferecer uma máquina de barbear a uma mulher...

Cristina (*rindo ruidosamente*) – Ah, sim!

Alberto – Sinto-me um pouco desconfortável... Não sei o que te poderia oferecer. (*Olha à sua volta e pega num livro de uma caixa, estende-o a João.*) Toma, é o meu último romance.

João – Obrigado...

Alberto – Não estás obrigado a lê-lo, ok?

João (*lendo o título*) – Nem sequer entendo o título, olha...

Vitória considera melhor mudar de assunto.

Vitória – Mas sentem-se, por favor. Façam como se estivessem em casa! (*João e Cristina olham para as caixas, perguntando-se onde poderiam sentar-se.*) Ah, sim, desculpem, todas as cadeiras já estão embaladas para a mudança...

Alberto – Mas vão ver, as caixas são muito confortáveis.

Sentam-se.

Vitória – Aviso-vos, só temos kir...

Cristina – Kir?

Alberto – É vinho branco com licor de groselha negra. É assim que os franceses chamam.

Cristina – Parece que está muito na moda... Pelo menos em França...

João – Bem, então... Um kir!

Vitória – Vamos a isso...

Ela começa a servir.

Cristina – Só água para mim, obrigada. Deixei de beber álcool...

Vitória – Serve-te tu mesma...

Alberto – Amendoins?

João – Obrigado...

Ele pega um punhado da taça que Alberto lhe oferece, que depois a apresenta a Cristina.

Cristina – Não, obrigada... Os amendoins são só gordura e sal... Tento evitá-los...

Vitória – A sério?

Cristina – Devias ter cuidado também... Não ganhaste um pouco de peso?

Vitória – Não sei...

João está muito ocupado a consultar as suas mensagens no telemóvel. Alberto e Vitória trocam um olhar consternado.

Cristina – Ah, olha, isso faz-me lembrar da rapariga que te vai substituir na escola...

Vitória – O quê?

Cristina – Nem imaginas... É enorme! Aquela deve ter comido quilos de amendoins...

Vitória – Ah, sim?

Cristina – Não sei, mas quando se está assim, ao menos tenta-se fazer algum exercício... Pensei que ela não ia passar pela porta da sala de aula...

Alberto – Às vezes é genético...

Cristina – Genético ou não, um pouco de desporto e uma dieta nunca fizeram mal a ninguém...

Alberto – Sem dúvida... Aliás, para vos dar a oportunidade de fazer um pouco de exercício, esperávamos que viessem um pouco mais cedo...

João finalmente larga o telemóvel.

João – Ah, sim, desculpa por não poder ajudar com as caixas, mas tive imenso trabalho. É uma loucura na empresa neste momento.

Alberto – Sim, crise ou não, as pessoas têm de continuar a fazer a barba... Mesmo os desempregados. Se quiserem ter alguma esperança de encontrar trabalho...

João – Claro...

Momento de silêncio.

Vitória – De qualquer forma, estamos mesmo muito contentes que sejam vocês a comprar esta casa. Estão decididos, certo?

Cristina – O João achava que era um pouco grande, mas consegui convencê-lo. E nunca se sabe, a família pode crescer...

João, novamente concentrado no ecrã do seu telemóvel, não reage.

Vitória – Ah, sim?

Ouve-se o cão a ladrar.

Alberto – Estão a pensar adotar um segundo cão?

Vitória lança-lhe um olhar fulminante.

Vitória – Em todo o caso, o jardim parece agradar ao Milú.

Alberto – E ao Tintim, o que é que ele acha?

Vitória lança-lhe outro olhar de reprovação.

Vitória – Querem ver a casa uma última vez?

Cristina – Não, está tudo bem... Conhecemos esta casa de cor. Já sentimos que é nossa... Não é, João?

João larga a contragosto o telemóvel.

João – Ah, sim, esta casa está muito bem... Eu achava que era um pouco grande, mas...

Alberto faz um sinal discreto a Vitória.

Vitória – Então... Assinamos esta promessa? Assim já fica feito...

Cristina – Vamos a isso...

Vitória tira os papéis que preparou e coloca-os sobre a caixa que serve de mesa. João procura nos bolsos.

João – Ah, não tenho uma caneta...

Cristina – Eu também não.

Alberto (*a Vitória*) – E tu?

Vitória – Tinha uma há pouco... Não sei o que fiz com ela... Não tens uma?

João – Um escritor tem sempre uma caneta, não é?

Alberto – Eu escrevo no computador.

Cristina – É verdade que agora... As canetas, daqui a pouco só as veremos nos museus...

Vitória – Em que caixa puseste as canetas?

Alberto – Não me lembro... Não creio ter feito uma caixa só para canetas... Ah, sim, deve haver uma na caixa onde estão os papéis do banco. Os cheques são das últimas coisas que ainda escrevo à mão... (*a Cristina*) Desculpa, acho que estás sentada em cima dela...

Cristina levanta-se. Ele abre a caixa e tira uma caneta.

Alberto (*triumfante*) – Aqui está!

Entrega a caneta a João. João pega na caneta e finge assinar.

João – Ah, parece que não escreve... (*Alberto e Cristina ficam congelados.*) Mas não, estou a brincar.

Assina e passa a caneta a Cristina, que também assina. Em duas vias. Alberto entrega uma cópia a João.

Alberto – Aqui está, uma para vocês, uma para nós...

João – Muito bem.

Vitória – Então... Vamos celebrar! Sirvo-vos mais um pouco?

João – Vamos a isso!

Vitória serve as bebidas.

Vitória – À vossa nova vida nesta casa que agora é vossa.

João – À vossa nova vida do outro lado do Pacífico.

Cristina – É o Atlântico.

Brindam e bebem.

João – Mesmo assim, Paraguai... Nem sequer sei onde fica exatamente...

Alberto – É Uruguai.

João – Têm a certeza de que não estão a fazer uma cagada?

Alberto – Não, na verdade, não temos certeza nenhuma, mas enfim...

Vitória – O Alberto queria mudar de vida... Encontrar novas fontes de inspiração, e eu...

Cristina – É verdade que escrever romances se pode fazer em qualquer lugar.

Alberto – Exatamente...

Vitória – E dar aulas de francês também.

João – Para mim, a literatura acaba no Tintim...

Cristina – Ele leu-os todos.

Alberto – Todos? Incrível...

Vitória lança-lhe outro olhar de reprovação.

João – E de onde veio essa ideia de escrever livros? A sério, não é algo comum...

Cristina – É uma tradição de família? O teu pai já era escritor?

João – Espera, Cristina, escritor não é como ser merceeiro ou mecânico, também. Não é um pequeno negócio, é grande arte. Não se herda a profissão de pai para filho, como uma carneceira...

Alberto – O meu pai era duplo de cinema.

Cristina – Ah, bom... Do cinema para a literatura... Havia alguma coisa, de qualquer maneira... Eras muito próximo do teu pai?

Alberto – Na verdade, quase não o conheci. Estava sempre no estrangeiro a filmar.

Cristina – Não deve ter sido fácil para a tua mãe.

Alberto – Não... Sobretudo porque a traía com tudo o que mexia.

Cristina – Quando se está separado tanto tempo, é claro... Sobretudo no mundo do cinema, há muitas tentações...

Alberto – Sim... Parece que ele não sabia resistir à tentação... Um dia foi-se embora e nunca mais voltou... Eu era muito jovem... Nem sequer sei se ainda está vivo.

João – Incrível... Mas porquê o Uruguai? Já o conheciam, ou...?

Vitória – De todo... Mas encontrei uma vaga lá, no Liceu Francês de Montevideu.

João – Montevideu...?

Alberto – A capital do Uruguai.

João – Ah, sim...

Alberto – Queríamos ir para a América Latina... Então dissemos, por que não o Uruguai?

Vitória – O Alberto é apaixonado pela literatura latino-americana...

Alberto – E além disso, há todos os sítios de arqueologia pré-colombiana.

Vitória – É um projeto um pouco louco... Já falávamos disso há algum tempo... E de repente decidimos... Muito rapidamente... Mas se se pensa demasiado, nunca se faz nada, não é?

João – Sim...

Alberto – Claro, também há quem nunca pense e também nunca faça nada.

Vitória – É uma aventura, obviamente, mas ao mesmo tempo, é o que queríamos.

Alberto – De qualquer maneira, estamos muito entusiasmados com a ideia de irmos...

João – E já têm alojamento lá?

Vitória – O liceu fornece-nos um apartamento enquanto nos organizamos um pouco.

Alberto – Depois tentaremos encontrar uma casa... Parece que é muito fácil lá.

Cristina – Por quase nada, podes ter uma vivenda com vista para o mar.

João – Há mar no Uruguai?

Alberto – Parece que sim... Ou então as casas são muito altas...

Vitória – Tendes que vir visitar-nos!

Alberto lança-lhe um olhar reprovador.

Cristina – Por que não? Não é verdade, João?

Ouve-se novamente o cão a ladrar.

Cristina – O que quererá agora esse cão?

João – Podes ver o que se passa, querida?

Cristina – Vai tu! Afinal, o cão é teu!

Alberto – Ensinaste-a mal, João... Referia-me à cadela, obviamente...

João – É um cão, não uma cadela

Alberto – Sim...

João levanta-se e sai.

Cristina – Esse bicho deixa-me maluca... Eu não o queria... Mas o João já o tinha quando nos casámos.

Vitória – As famílias reconstituídas nem sempre são fáceis...

Alberto – Mas já estais casados há bastante tempo, não? Esse cão não parece assim tão velho...

Cristina – Ah não, mas não era este. Este é o terceiro.

Alberto – O terceiro da mesma marca?

Vitória – Para um cão, diz-se "da mesma raça", Alberto...

Cristina – Todos fox terrier de pelo rijo...

Alberto – E todos se chamam Milú?

Cristina – Este é o Milú número 3... Mas chamamos-lhe Milú, como aos outros...

João volta com um osso na mão.

Cristina – O que é isso?

João – Um osso, aparentemente.

Cristina – E onde o encontraste?

João – Não fui eu que o encontrei, foi o Milú! Tinha-o na boca quando fui ter com ele. Por isso é que ladrava. Queria mostrá-lo...

Vitória – É verdade que um osso assim, só aparece uma vez na vida de um cão...

Alberto – Ah, sim... Estou certo de que os dois primeiros Milú nunca encontraram um osso deste tamanho... Bravo, Milú! Campeão do mundo...

Cristina – É incrível! E encontrou-o no jardim?

João – Onde mais é que ele poderia tê-lo encontrado?

Cristina – É enorme, para ser um osso de borrego...

João – Assaste um javali no teu jardim ultimamente? Podias ter-nos convidado para o churrasco!

Vitória – Nunca fazemos churrascos...

Momento de silêncio.

Cristina – É curioso... Este osso parece-se muito com uma tíbia humana, não achas?

Vitória – Estás a brincar?

Cristina – Não...

Alberto – Alguma vez viste uma tíbia humana? Quero dizer, sem a carne à volta...

Cristina – Sabes, para ser professora de educação física, tivemos algumas aulas de anatomia... Já foi há muito tempo, e costumava faltar a essas aulas, mas sim... Parece-se muito...

Vitória – É uma loucura... Não, não pode ser uma tíbia...

João – Vou procurar na Wikipédia...

Tira o telemóvel e começa a digitar. Olha para o osso com um ar céptico.

João – Ah não, uma tibia não se parece nada com isto...

Vitória – Ufa... Já me parecia...

João continua a teclar no telemóvel.

João – Em contrapartida, este osso parece-se imenso com um fémur...

Os outros olham-no consternados. Ele mostra o ecrã do telemóvel para que vejam a imagem.

Vitória – Merda... É verdade...

Momento de estupefação.

João – É inacreditável...

Cristina – Sabiam que tinham restos humanos no vosso jardim?

Vitória – Não...

Cristina – E pensar que acabámos de assinar a promessa...

Alberto – Espera, é só uma tibia!

João – Um fémur, digo-te.

Alberto – E ainda por cima, nem sequer estamos certos...

João mostra novamente o ecrã do telemóvel.

João – Aí, acho que não há dúvida.

Cristina – Mas de onde pode ter vindo este osso?

Vitória – Não sei... Talvez a casa tenha sido construída sobre um antigo cemitério...

Cristina – Não é um argumento muito vendedor. Se soubéssemos disso...

Vitória – Ouviste falar de algo assim, Alberto?

Alberto – Um cemitério aqui? Não.

Vitória – Então deve ser algo muito mais antigo.

João – Queres dizer um cemitério romano, ou algo assim?

Vitória – Quem sabe...

João – Oh, merda! Imagina se encontrarmos o esqueleto de Tutankamon no jardim.

Alberto – Sim, bem... Tutankamon é mais do Egito...

João – De qualquer forma, os Monumentos Históricos vão querer vir inspecionar...

Cristina – Sem dúvida.

João – Conheço alguém a quem aconteceu algo parecido... Vieram com escavadoras e remexeram todo o jardim...

Cristina – E como terminou isso?

João – No final, só encontraram algumas ânforas que puseram num museu, e devolveram-lhes a casa...

Alberto – Tens a certeza de que não leste isso no Tintim?

João – Entretanto, não puderam viver na casa durante anos...

Cristina – Não?

Vitória – Não, mas é bastante improvável que seja uma necrópole romana... Esse osso não parece assim tão antigo.

Cristina – Ah sim, e como é que tu sabes?

Vitória – Sabes o que havia aqui antes de o teu avô construir a casa?

Alberto – Campos, provavelmente. Campos que foram lavrados durante séculos. Se houvesse restos ou ossos, já os teríamos encontrado há muito tempo.

Cristina – Então é muito mais recente...

Vitória – Talvez seja da guerra...

João – A guerra? Queres dizer...

Vitória – Houve combates aqui durante a guerra?

Alberto – Não que eu saiba...

Cristina – Então é ainda mais recente...

Vitória – Mais recente que a guerra? Não se enterra alguém no seu jardim assim tão facilmente, é proibido. Cinzas, talvez, mas não um cadáver.

Cristina – Nesse caso, só resta uma hipótese.

Vitória – Qual?

Cristina – Um crime.

Alberto – Um crime?

João – Vês alguma outra razão para enterrar alguém no teu jardim?

Alberto – Não sei... Nunca pensei nisso até hoje, olha... Agora, é verdade que as agências funerárias têm preços tão indecentes... Talvez alguém tenha querido poupar no enterro de um ente querido.

Cristina – O que fazemos, chamamos a polícia?

Vitória – Não nos precipitemos...

Alberto – Claro que isso pode trazer complicações.

João – Bem, mas agora que sabemos...

Cristina – Não podemos fingir que não sabemos...

João – Seria ocultação de cadáver.

Alberto – De cadáver...? Tens a certeza de que não estás a exagerar um bocado? É só um osso...

Cristina – Não se perde uma tíbia assim tão facilmente...

João – Um fémur.

Cristina – Bem, um fémur.

João – É que o resto do esqueleto não deve estar longe...

Cristina – Não se pode comprar uma casa com um cadáver enterrado no jardim...

Alberto – Ao mesmo tempo... Já assinámos o compromisso...

Vitória – E nós estamos prestes a partir!

João – Talvez vocês estejam, mas nós não temos tanta pressa.

Vitória – Não nos podeis fazer isso!

Alberto – Não tendes o direito!

Vitória – Vocês assinaram o compromisso...

Cristina – Ah, sim, mas agora... Não é tão simples...

João – Não será um caso de força maior para anular um compromisso de venda?

Cristina – Restos humanos...

João – É mais grave do que se não tivéssemos conseguido o crédito ou algo assim...

Vitória – Que história... Não sei o que vos dizer...

Cristina – Não me vejo a viver numa casa com um cadáver no jardim...

João – Talvez vários...

Vitória – Vários?

João – E vocês, nunca notaram nada?

Vitória – Nunca vamos ao jardim...

Alberto – E não temos um cão que desenterre ossos...

Vitória – Então, o que fazemos?

Alberto – Vou lá ver.

João – Não sei se deveríamos mexer em nada...

Cristina – Se for uma cena de crime...

Vitória – O teu cão, de qualquer forma, não se cortou...

Alberto – Pois, vamos dizer que foi o cão. Vou fazê-lo. Precisamos de ter a certeza.

João – Eu acompanho-te.

Alberto – Não confias em mim? Tens medo que esconda as provas?

João – Só vou contigo, é tudo...

Alberto e João saem. Cristina lança um olhar desconfortável a Vitória.

Cristina – Tens de nos entender também... Preferíamos estar tranquilos...

Vitória – Não, não, mas eu compreendo, acredita. É normal...

O telemóvel de Vitória toca. Depois de hesitar um momento, ela atende.

Vitória – Eu disse-te para não me ligares para o telemóvel... Ainda menos para o fixo! Disse-te para não me ligares de todo!

Guarda o telemóvel, furiosa.

Cristina – Era ele?

Vitória – Sim... Obrigada por não dizeres nada ao Alberto sobre o meu pequeno deslize na festa de fim de ano com o professor de filosofia...

Cristina – Somos amigas, não somos? Mas descansa, não é por isso que te vais embora, pois não?

Vitória – Digamos que é por isso que não me opus à partida, e que fiz tudo para acelerar as coisas...

Cristina – Porque mudar de instituição era muito mais simples do que vender a casa e ir para o Uruguai, não achas? É assim tão grave com esse professor de filosofia?

Vitória – Nada disso! Foi só um pequeno acidente. Estava um pouco deprimida nessa noite... e bastante bêbeda. Mas ele não para de me assediar desde então. Juro-te que não sei como me livrar dele.

Alberto volta.

Alberto – Livrar-te de quem?

Vitória – Do... do tipo da Netflix... Já te disse. Não para de ligar.

Cristina – E o João?

Alberto – Consegui livrar-me dele. Bati-lhe com uma pá e enterrei-o no jardim junto ao outro.

Momento de estupefação, interrompido pela chegada de João.

João – Não encontramos nada. O cão fez um buraco no maciço de dalias, mas não se vê nenhum esqueleto...

Cristina – Talvez seja necessário cavar mais fundo.

Alberto – Podemos fazer isso no próximo fim de semana, alugamos uma escavadora e removemos o jardim...

Vitória – E se dissermos que nunca encontramos esse osso? E mantemos a venda...

Cristina – Mmm...

João – Temos de ver...

Cristina – O que achas, João?

João – Bem... Não sei... Mas com um desconto sério então...

Alberto – O quê?

Vitória – Um desconto?

Alberto – Mas isso é chantagem!

Vitória – E além disso, já tínhamos fixado o preço na promessa.

Alberto – Já assinaram!

João – Uma promessa é só um pedaço de papel... Sempre podemos assinar outra... Trouxe um exemplar em branco, caso seja necessário...

Alberto – Ah, claro... O Senhor já tinha previsto tudo...

Silêncio pesado.

Vitória – E quanto ofereceriam por curiosidade?

Cristina – Não sei, eu...

João – Acho que um desconto de 25%...

Vitória – 25%!

Alberto – Não é comerciante por nada.

João – Oh, deixa estar com essas tuas pompas. Talvez não sejamos tão intelectuais como vocês, mas não somos tão estúpidos a ponto de comprar uma casa com uma cena de crime no meio do jardim...

Cristina – É verdade que estamos a falar de um cadáver, afinal...

Alberto – Um cadáver... É só um osso!

João – Sim, bem... Este osso deve pertencer a um esqueleto, não?

Cristina – E entre nós, também não nos fizeste um preço de amigo...

Alberto – Claro... Não perde a sua forma, essa...

Momento de tensão.

Vitória – Bem... Vou buscar uns petiscos, todos nos acalmamos, e encontraremos uma solução, está bem?

João – OK...

Vitória – Vem ajudar-me, Alberto...

Alberto – Não tens medo que nos roubem o dinheiro, enquanto estamos de costas? Ou o serviço de porcelana da minha mãe...

Vitória (*com voz autoritária*) – Vem, estou a dizer-te!

Saem.

Cristina – 25%? Não achas que estás a exagerar um bocado?

João – Sempre podemos tentar, veremos...

Cristina – A esse preço já estávamos a fazer um bom negócio.

João – Sim, na verdade parecia-me suspeito. Pensava que a tua amiga te tinha dado esse preço de amiga porque te devia algo.

Cristina – Mas não, garanto-te...

João – Sabes que ela está com o professor de biologia, tu disseste-me que os viste a beijar-se na casa de banho no dia da festa de fim de ano..

Cristina – É o professor de filosofia, não o de biologia.

João – Bem, é a mesma coisa, não?

Cristina – E achas que ela me faria um preço de amiga por isso?

João – Poderias tê-la denunciado ao marido dela...

Cristina – Não acho que ela aceitasse a nossa oferta por isso.

João – Sim, bem, agora entendo melhor porque... Nesta casa, não só há um amante no armário, também há um cadáver no jardim...

Cristina – Mesmo assim, 25%... Não devemos exagerar... Não vá o caso mudar de ideia...

João – Achas?

Cristina – O melhor é inimigo do bom, João. Se rompemos a promessa e eles decidem vender a outra pessoa...

João – Parecem apressados, não? Principalmente ela...

Cristina – Uma casa como esta... Não encontraremos outra igual tão cedo.

João – O que queres? Uma negociação é sempre uma partida de poker com mentiras...

Cristina – Mas esta casa é importante para mim!

João – Mesmo com um cadáver enterrado no jardim?

Ficam em silêncio ao ver Alberto e Vitória a chegar.

Vitória – Está bem, aceitamos fazer um desconto de 10%.

Cristina – 10%... João?

João – Então admitis...

Alberto – O quê? De forma nenhuma!

Vitória – É só... um gesto comercial.

João – Um desconto de 10%? Por cumplicidade em um assassinato?

Vitória – Não achais que estais a abusar um pouco da situação?

Cristina – Já está... Agora vai ser culpa nossa.

João – E, além disso, não tenho certeza se vamos assinar de todo...

Cristina – Uma casa que talvez tenha pertencido a um assassino em série...

Alberto – É uma casa familiar!

João – Pois... Tu conheces a tua família...

Cristina – A menos que o crime seja muito mais recente...

Vitória – Estás a acusar o meu marido de ser um assassino em série?

Cristina – Não há fumo sem fogo...

João – E não há fémur sem cadáver...

Cristina – De qualquer forma, parecia-me estranho este apressar-se para ir embora...

Alberto – O quê?

João – É verdade, por que estão tão apressados para se mudar para o estrangeiro?

Cristina – E vender a casa a "amigos"... Em vez de fazer através de uma agência, como toda a gente.

João – E ainda por cima no Uruguai. Muito longe de aqui. E fora da União Europeia.

Alberto – Isso é uma loucura, estamos em meio a um delírio!

Vitória – Estamos há anos a falar deste projeto de mudança!

João – Só adiciona premeditação...

Vitória – Está bem! Então, supõe-se que somos amigos, e cinco minutos depois, porque o teu cão encontrou um osso no jardim, acusas-nos de ser criminosos!

João – Sim, bem, amigos...

Momento de tensão extrema.

Cristina – Acho que todos nos deixamos levar um pouco... Vamos respirar fundo e acalmar-nos, está bem?

Vitória – Mmm...

Cristina – E não dissemos que foste tu... *(Para Alberto)* Disseste que era uma casa familiar. Talvez seja o teu pai. Dado que ele também desapareceu... Não desapareceu?

Alberto – Sim...

Cristina – Talvez tenha fugido por isso... Para evitar a justiça...

Alberto – O meu pai?

Cristina – Ou o teu avô! Talvez tenha matado alguém durante a guerra e enterrado-o no jardim. Quem sabe, talvez o teu avô seja um herói...

Alberto – O meu avô fez uma fortuna durante a guerra traficando no mercado negro.

João – Ah, claro...

Alberto – De qualquer forma, tudo isto é perfeitamente ridículo... E não temos de prestar contas a vocês... São da polícia?

João – Queres que chamemos a polícia?

Cristina – João, por favor... Vamos resolver isto entre nós, não?

Alberto – Não, mas é verdade. Quem se acha o Tintim?

Vitória – Alberto, não exageres também...

Alberto – E afinal, por que é que o osso não poderia vir da vossa casa?

João – Da nossa casa?

Alberto – É o teu cão que o trouxe. Talvez o tenha encontrado no teu jardim, metido no carro e o tenha enterrado aqui.

Vitória – Ah, é verdade... Por que não?

João – Ouves isso, Cristina? Agora vai ser culpa do Milú...

Alberto – Então o assassino em série serias tu!

Vitória – Talvez seja no vosso jardim que se deve cavar!

Cristina – De qualquer forma, não temos jardim!

João – Não gostam de animais, é evidente. E os animais sentem quando não são bem-vindos.

Cristina – Por isso é que o Milú foi desenterrar aquele osso no jardim... Para nos avisar...

João – É verdade. Sem ele, nunca teríamos sabido sobre o cadáver...

Vitória – Não, mas vêem, tudo isto é absurdo! Vamos, reflitam um pouco! Se o Alberto tivesse matado alguém e enterrado no jardim, eu saberia.

João – Talvez tu soubesses...

Alberto – Mas pensando bem... E se o Tintim tivesse trazido esse osso aqui voluntariamente?

Cristina – Por que faríamos isso?

Vitória – Para obter um desconto...

João – O quê?

Alberto – Também achei estranho ele ter tirado de imediato um segundo exemplar em branco da promessa de venda. Parece que tinha tudo planeado, o descarado...

João levanta-se e desafia Alberto.

Cristina – Vamos lá, não vão brigar, pois não?!

Vitória – Tu, a professora de aeróbica, já chega!

Cristina – A professora de aeróbica?

Vitória – Acusam-nos de sermos um casal diabólico e não deveríamos dizer nada!

João – E vocês acusam-nos de sermos uns vigaristas!

Cristina – E, afinal, talvez o Alberto não saiba de nada. Por que não serias tu, Vitória?

Vitória – Eu?

Cristina – Talvez mates os teus amantes e os enterres no jardim para te livrar deles quando se tornam demasiado problemáticos.

Alberto – Que amantes?

João – É verdade. Há algum tempo que não vemos o professor de biologia.

Alberto – Se eu entendi bem, só eu é que não estou a par de nada.

Vitória – Não é o professor de biologia, é o professor de filosofia! Ele tirou uma licença por doença. Está em depressão!

Alberto – Não vos incomoda muito que eu participe na conversa?

Vitória – Cristina estava lá quando ele me ligou antes! Como é que o esqueleto dele poderia estar enterrado no maciço de dalias?

Alberto – Quem ligou? Esperem, isso também me diz respeito...

Cristina – Só pergunta à tua esposa...

Alberto dirige-se a Vitória.

Vitória – Não, mas ela diz asneiras, vê-se claramente...

João – Bem, vamos deixar-vos resolver os vossos problemas familiares...

Cristina – E quanto à casa, encontrarão outro comprador.

João – Eu não estava a favor, de qualquer forma. Parecia-me demasiado cara. Tinha dito à Cristina, mas ela não queria negociar com amigos...

Alberto – Pois, assim já não somos amigos, é muito mais simples.

João – Vamos, Cristina. Vamos embora...

João e Cristina saem. Alberto e Vitória ficam ali, atónitos.

Alberto – Bem... Então, o que se passa com o professor de filosofia?

Vitória – Nada... Ela inventa qualquer coisa para se vingar, não entendes!

Alberto – Ela diz que esse tipo te ligou antes... Não será o Netflix, por acaso, o teu amante? É ele quem te persegue?

Vitória – Olha, Alberto, não achas que há coisas mais urgentes do que uma crise de ciúmes? Se não vendermos esta casa antes de irmos para o Uruguai, estamos em apuros! Contávamos com esse dinheiro para nos instalarmos lá!

Alberto – É verdade...

Vitória – E não é com as vendas fenomenais do teu último livro que conseguiremos comprar uma villa com vista para o mar em Montevideu!

Alberto – Obrigado por me lembrares...

Vitória – Bem, desculpa!

Alberto – Mas quando resolvermos este problema, teremos de voltar a falar sobre o Netflix.

Vitória – Enquanto isso, o que faremos com a casa?

Alberto – Não sei... Podemos encontrar um novo comprador...

Vitória – Em tão pouco tempo... Não vai ser fácil.

Alberto – Sim... E esperando que esses idiotas não nos denunciem à polícia entretanto...

Vitória – Achas que eles poderiam chegar a isso?

Alberto – Durante a guerra, tenho a certeza de que eram o tipo de pessoas que denunciavam os vizinhos comunistas para ficar com o apartamento deles.

Vitória – Talvez devêssemos adiantar-nos e denunciar-nos a nós próprios para demonstrar a nossa boa fé...

Alberto – Denunciar-nos? Mas não somos culpados!

Vitória – Não, claro... Quero dizer... Talvez devêssemos avisar a polícia nós próprios, para mostrar que não temos nada a esconder.

Alberto – Não estou certo de que seja uma boa ideia...

Vitória – Então, o que fazemos?

Alberto – Não sei...

Alberto enche dois copos.

Alberto – Vamos beber um trago, para ver se clareamos as ideias...

Bebem em silêncio.

Vitória – E quanto ao osso, não tens uma ideia?

Alberto – Também vais acusar-me a mim?

Vitória – Não, evidentemente, mas esse fémur não apareceu ali sozinho também.

Alberto – E por que deveria ser eu a encontrar a explicação para este mistério? Nesse aspecto, a Cristina tem razão. Também podias ser tu!

Vitória – Não me imaginas a matar alguém e enterrá-lo no jardim?

Alberto – Tu sim me imaginas capaz de fazer isso, não é?

Vitória – Não sei... É a casa da tua família... E os segredos familiares existem. Não me estarias a esconder algo?

Alberto – De maneira nenhuma!

Vitória – Nunca soubeste mentir...

Alberto – Ao contrário de ti, queres dizer?

Vitória – Tenho a certeza de que me estás a esconder algo.

Alberto – É curioso, eu tenho exatamente a mesma impressão contigo... Mas não sobre o mesmo tema...

Vitória – Estás realmente seguro de que não sabes de nada?

Alberto – É verdade que já encontramos ossos no jardim...

Vitória – O quê?

Alberto – Mas há ossos por todo o lado, não é? A vida surgiu na Terra há três mil milhões de anos. Vivemos sobre um monte de ossos!

Vitória – Não ossos humanos!

Alberto – Não sabia que eram ossos humanos...

Vitória – Mas quem poderia ser?

Alberto – Não sei...

Vitória – Afinal, talvez o João tenha razão... E se fosse o teu pai?

Alberto – O meu pai? Se ele tivesse matado alguém, a polícia teria encontrado eventualmente, não?

Vitória – Não se ele for a vítima.

Alberto – Quem poderia ter querido matar o meu pai e enterrá-lo no seu próprio jardim?

Vitória – A tua mãe.

Alberto – A minha mãe?

Vitória – Uma mulher sempre tem uma boa razão para querer matar o marido...

Alberto – E vice-versa...

Vitória – Disseste-me que ele desapareceu pouco depois do teu nascimento. Talvez a tua mãe o tenha matado na sua última visita e enterrado aqui...

Alberto – Por que é que ela faria isso?

Vitória – Tu mesmo dizes que ele a traía com qualquer uma.

Alberto – Felizmente, a infidelidade não leva necessariamente ao crime...

Vitória – E os ossos que encontraste, não te fizeram refletir?

Alberto – Não sei... Pensei que eram ossos de vaca.

Vitória – Vacas nos arredores da capital?

Alberto – Na época do meu avô, ainda havia quintas por aqui.

Vitória – E pensas que foste a um psicanalista duas vezes por semana durante mais de dez anos! E enquanto isso, não te ocorreu que com todos os ossos que encontravas no teu jardim, podias ter reconstruído o quebra-cabeças do teu pai desaparecido... Francamente, se eu fosse tu, pedia um reembolso.

Alberto – Sim, bem, vou fazer isso...

Vitória – Não te apercebes? A 50 euros a sessão! Nem sequer teríamos de vender a casa para ir para o Uruguai!

Alberto – Se não tivéssemos vendido a casa, nunca teríamos ido!

Vitória – Além disso, a casa ainda não está vendida...

Alberto – E achas que é tão fácil considerar que a tua mãe poderia ter matado o teu pai e enterrado no maciço de dalias?

Vitória (*olhando para o jardim*) – De qualquer forma, as dalias parecem ter beneficiado... (*Voltam a sentar-se, abatidos.*) Qual é o maior animal que já mataste na tua vida?

Alberto – Não sei, não sou caçador. Uma aranha...

Vitória – Uma aranha?

Alberto – Não, mas uma grande...

Vitória – Estava a falar pelo menos de um mamífero... Os insetos não contam...

Alberto – Não sei... Ah, sim, é verdade... Acho que uma vez atropeli um ouriço que atravessava a estrada.

Vitória – Não te detiveste?

Alberto – Um ouriço! Não é como um gato ou... É um animal selvagem.

Vitória – Espero pelo menos que tenha morrido instantaneamente.

Alberto – Foi um homicídio involuntário... E além disso era um ouriço pequeno... Imagina-me a chegar a um veterinário com um ouriço meio esmagado.

Vitória – Pobre ouriço...

Alberto – Era na autoestrada. Poderia ter-me matado ao atropelar esse ouriço! Um pneu que rebenta a essa velocidade, imagina. Não perdoa. E tu só pensas no ouriço!

Vitória – Bem, o que fazemos agora?

Alberto – Um veterinário, isso dá-me uma ideia. E se mostrarmos o osso ao Pedro?

Vitória – Pedro?

Alberto – O livreiro ao lado!

Vitória – Por que é que um livreiro saberia mais sobre ossos do que nós? Ele é especializado em livros de religião e mitologia. Se fosse um osso de unicórnio, ainda...

Alberto – Antes de ser livreiro, era veterinário.

Vitória – A sério? Não sabia. Que ideia tão estranha...

Alberto – Bem, esse não é o problema. Ele poderá dizer-nos com certeza se é um osso de vaca ou não.

Vitória – Ao mesmo tempo... Estamos na cidade, ele só devia tratar de gatos ou cães... Talvez algum papagaio, de vez em quando...

Alberto – Fez estudos, afinal de contas. Devem ensinar-lhes a reconhecer um fémur humano e um fémur de vaca.

Vitória – Acreditas?

Alberto – Temos de ter a certeza. Não vamos vender a casa sem saber... Imagina que os novos proprietários descubrem mais restos ao cavar no jardim para fazer uma piscina...

Vitória – Tens razão... E além disso, a tua mãe está morta, se for ela quem matou o teu pai, não corre risco...

Alberto – Sim, bem, preferia que não fosse assim... Não fica bem, não é?

Vitória – De qualquer forma, vamos para o Uruguai... Portanto, os vizinhos...

Alberto – Sim... E afinal, mesmo que o livreiro confirme que é um osso humano... Sempre podemos manter o segredo para nós...

Vitória – A menos que o teu veterinário nos denuncie à polícia...

Alberto – Eles estão sujeitos ao segredo médico, não estão?

Vitória – Não em caso de assassinato... Além disso, são os médicos que estão sujeitos ao segredo médico, não os veterinários. E agora é livreiro...

Alberto – É muito católico...

Vitória – Nesse caso, sempre podemos contar com o segredo da confissão...

Alberto – Melhor enviar-lhe uma foto com o meu telemóvel, será menos comprometedor... (*Olha à volta*) Aliás, onde está esse osso?

Vitória – Estava ali há um momento...

Alberto – Talvez esses canalhas o tenham levado como prova...

Toca o campainha da entrada.

Vitória – Aí está... Vêm à nossa procura...

Alberto – A polícia...?

Vitória – De qualquer forma, é demasiado tarde para fugir. Para onde queres que vamos?

Alberto – Para o Uruguai? (*Ela olha-o com uma expressão perplexa*) Está bem, vou ver...

Ele sai e volta um momento depois com João e Cristina, que têm um ar envergonhado.

Cristina – Acho que vos devemos um pedido de desculpas...

João – É verdade que talvez nos deixámos levar um pouco.

Vitória – Todos estamos nervosos, é normal. Com a nossa partida. A venda desta casa...

João – Acho que as palavras ultrapassaram um pouco o nosso pensamento.

Cristina – Não vamos zangar-nos por causa disto, seria uma pena...

Alberto permanece cautelosamente em silêncio. João olha para ele e estende-lhe a mão. Alberto aceita o aperto.

João – Não queremos causar-vos complicações.

Cristina – E além disso, importa-nos esta casa...

João – Vamos seguir o que diz esta promessa de venda, está bem?

Alberto – Então, é por isso que voltaram?

João – Sim...

Cristina – E também viemos devolver-vos isto.

Ela tira o osso da sua mala.

Cristina – Encontrámo-lo no carro...

João – Certamente foi o cão que o levou sem que nos déssemos conta...

Cristina – Como vêm... Os ossos podem viajar longe com um cão.

João – É verdade... Afinal, não sabemos de onde vem este osso... Pode vir de qualquer lugar...

Alberto – Sim, isso é exatamente o que dizia antes... De repente vejo-vos muito conciliadores... O que vos fez mudar de opinião?

Vitória – Há algo mais?

João e Cristina trocam um olhar incómodo.

João – O Milú tinha mordido um pouco o osso, então olhei de perto o local onde tinha feito uma marca com os dentes...

Vitória – E?

Cristina – Na verdade... É um osso de plástico.

Vitória – Perdão?

João – É um fémur humano, mas é um fémur de plástico.

Alberto – Têm certeza?

João – Coloquei o meu isqueiro por baixo para verificar, e não há dúvida. É plástico. (*Oferece o osso*) Pega, ainda se sente o cheiro.

Vitória coloca o nariz sobre o osso.

Vitória – Ah, sim, já vejo. Sente-se claramente o plástico. (*A Alberto*) Queres cheirá-lo?

Alberto – Não, obrigado...

Vitória – Um osso de plástico? O que significa isso?

Cristina – Alguém que quis fazer-vos uma brincadeira?

Alberto – Não sei...

João – Talvez venha desses esqueletos que costumavam ser usados nas escolas para ensinar anatomia às crianças...

Cristina – Mas por que enterrar um esqueleto de plástico no jardim?

Vitória – Havia uma escola na zona antes?

Alberto – O meu avô era professor...

João – Pois está resolvido!

Alberto – Agora que penso nisso, quando era criança costumava ver esse esqueleto em casa. Chamávamo-lo Martín...

Vitória – Vês... Afinal, a tua psicanálise deu alguns resultados... Não podias ter-te lembrado disso antes? Teria poupado este pequeno mal-entendido...

Alberto – Só me vem à mente agora. Não tinha feito a ligação. E além disso, não estava completamente certo de que era uma memória real. Fala-se disso frequentemente com o meu psicólogo... Mas pensava que Martín era um amigo imaginário...

Cristina – Um esqueleto?

Alberto – Nem sempre se escolhe os amigos... Nem sequer os amigos imaginários...

João – Mas por que é que o teu avô herdou esse esqueleto se era da escola?

Alberto – Talvez lho tenham oferecido como lembrança ao aposentar-se.

Cristina – Sim...

João – Isso não explica por que o enterrou no jardim...

Vitória – Para se desfazer dele, talvez.

Alberto – Ou para nos fazer uma brincadeira... O meu avô era muito brincalhão...

João – Pensava que era um facha.

Alberto – Isso não impede de ter sentido de humor...

Momento de perplexidade.

Cristina – E o que aconteceu com o resto?

Alberto – O resto?

Cristina – O resto do esqueleto de plástico!

Alberto – Isso...

João – Se o encontrarmos, guardámo-lo para ti.

Vitória – Assim, pelo menos, poderás recuperar um amigo.

Alberto – Bem, o principal é que não é realmente um osso.

Vitória – Sem ossos, não há cadáver. E sem cadáver, não há crime.

Cristina – Sim, tudo está bem se terminar bem...

Alívio geral, misturado com certa incomodidade.

Vitória – Então, seguimos com esta promessa de venda?

João – Uma promessa é uma promessa.

Cristina – E além disso, continuamos a ser amigos, não é?

Silêncio algo incómodo.

Vitória – Um último copo para celebrar isto?

João – Acho que não seria muito razoável...

Cristina – Vamos embora. Já tivemos emoções suficientes por hoje.

João – Então, até breve para a assinatura definitiva?

Alberto – Delegámos o poder ao nosso notário. Vamos para o Uruguai na próxima semana...

Cristina – Bem... Então, boa viagem...

João – Ver-nos-emos como combinámos?

Alberto – Isso mesmo...

João e Cristina saem num ambiente gelado.

Vitória – Eu acompanho-vos...

Ouvem-se latidos. Vitória volta.

Vitória – Uf...

Alberto – Sim... Pensei que nunca nos livraríamos deles...

Vitória – E desta casa.

Alberto – Não aguento mais...

Sentam-se sobre uma caixa, exaustos.

Vitória – É incrível, esta história do esqueleto de plástico...

Alberto – Sim... Incrível, é a palavra...

Vitória – Não sabia que o teu avô era professor...

Alberto – O meu avô era charcuteiro.

Vitória – O quê?

Alberto – Comprou esta casa com o dinheiro que ganhou durante a guerra vendendo salsichas no mercado negro.

Vitória – Mas por que é que disseste que...?

Alberto – Tinha que inventar algo. Queremos vender esta casa ou não?

Vitória – Mas não entendo... O osso é claramente de plástico, vê!

Alberto – Sim. O meu pai tinha um fémur de plástico.

Vitória fica atónita por um momento.

Vitória – Era uma espécie de cyborg ou...?

Alberto – Disse-te que era um duplo de risco... Depois de um grave acidente, colocaram-lhe um fémur de plástico...

Vitória – Então achas que...?

Alberto – Não sei... Talvez a minha mãe tenha lançado cal sobre o cadáver para o fazer desaparecer e só o fémur de plástico tenha ficado...

Vitória – Mas por que razão teria feito isso?

Alberto – Pelas suas inúmeras infidelidades, imagino... Sabes que há pessoas muito ciumentas que estão dispostas a matar quando descobrem que foram enganadas?

Vitória – Então achas que é isso? É o fémur do teu pai?

Alberto – Depois de várias peripécias, a minha mãe fez-lhe fazer a sua última acrobacia...

Contemplam o osso, pensativos.

Vitória – Tens razão, é melhor esquecer tudo isto...

Alberto (*agitando o osso*) – Pelo menos, agora terei uma lembrança do papá...

Vitória – A vítima e o assassino estão mortos.

Alberto – E já prescreveu há muito tempo.

Vitória – Nem sempre é bom escavar o passado... Desenterrar cadáveres... É preciso saber perdoar... Esquecer... É preciso seguir em frente!

Alberto – Mmm...

Vitória – De qualquer forma, bravo pela história do professor e das aulas de anatomia... Não és romancista por acaso. E esse esqueleto chamado Martín... De onde tiras tudo isso?

Alberto – Talvez não seja o fémur de plástico do meu pai...

Vitória – Mas então, de onde viria este osso?

O telemóvel de Vitória toca.

Alberto – Não vais atender?

Vitória – Não...

Alberto – Netflix, outra vez?

Vitória – Sim...

Alberto – E onde é que chegaste com isso? Tinhas uma subscrição? Ou era sob pedido?

Vitória – Foi só um deslize de uma noite, juro-te.

Alberto – Por que não me disseste? Tínhamos prometido dizer-nos tudo, se algo assim acontecesse a um de nós. Tudo antes de mentirmos um ao outro.

Vitória – Sim, mas o momento não era o mais adequado.

Alberto – Não sei se há um bom momento para admitir este tipo de coisas. Mas, por quê?

Vitória – Porque tinha outra notícia para te dar.

Alberto – Podes falar?

Vitória – Estou grávida...

Alberto – De quem?

Vitória – Bem... É por isso que dizia que o momento não era o mais adequado... Queria evitar ouvir essa pergunta...

Alberto – Mesmo assim, é uma pergunta um pouco legítima, não é?

Vitória – Não há nenhuma possibilidade de que outra pessoa além de ti seja o pai, juro-te pela cabeça deste bebé que carrego.

Alberto – Essa cabeça deve ser ainda muito pequena... E como podes ter tanta certeza?

Vitória – Porque não fui tão longe com... Netflix. Juro-te!

Alberto – OK... Mas não me digas que apressaste a nossa partida para o Uruguai para te afastares da cena do crime, pois não?

Vitória – Não... Embora haja também um pouco disso...

Alberto – Se decidimos ir embora, é porque não tínhamos nada que nos prendesse aqui. Talvez com um bebé, teríamos decidido ficar...

Vitória – Também por isso não te disse nada antes da assinatura... Para que não nos impedisse de começar uma nova vida. Não quero que este bebé represente um abandono... Quero que seja um novo começo.

Alberto – Então o nosso filho nascerá no Uruguai... Não tens medo?

Vitória – Também há hospitais no Uruguai. Muitos bebés nascem lá todos os dias... Contigo ao meu lado, não tenho medo...

Alberto – Dados os meus antecedentes familiares... Não tens medo de acabar no fundo de um jardim num canteiro de dalias?

Vitória – Confio em ti... Sei que não tens a mão verde...

Alberto – Então, enganaste-me ou não me enganaste?

Vitória – Tecnicamente não, garanto-te...

Alberto – Tecnicamente? Não sei se isso me acalma. Onde é que começa para ti a traição?

Vitória – Vem, vou-te mostrar onde começa a enganar o teu marido... Antes de ficar tão grande como uma vaca...

Ela abraça-o e puxa-o para os bastidores.

Alberto – Perdoa-me, mas... Lembro-te que já não temos cama.

Vitória – Perfeito... Assim... Vai parecer ainda mais uma traição...

Saem.

Negro.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A janela da frente
Cara ou coroa
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Méngae à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comédias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
O Sorteio do Presidente
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Nicotina
Pré-histórias Grotescas
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Agosto de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-240-1

Documento para download gratuito